

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

CARLA MILENA PEREIRA

**OBJETIFICAÇÃO E INVISIBILIDADE NO FUTEBOL: RELATO DE ÁRBITRAS E  
JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

CURITIBA  
2019

CARLA MILENA PEREIRA

**OBJETIFICAÇÃO E INVISIBILIDADE NO FUTEBOL: RELATO DE ÁRBITRAS E  
JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Educação Física, no Curso de Educação Física do Departamento Acadêmico de Educação Física (DAEFI) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Dra. Ana Paula Cabral Bonin Maoski.

CURITIBA

2019



Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Curitiba  
Diretoria de Graduação e Educação Profissional  
Departamento de Educação Física  
Bacharelado em Educação Física



## TERMO DE APROVAÇÃO

### OBJETIFICAÇÃO E INVISIBILIDADE NO FUTEBOL: RELATO DE ÁRBITRAS E JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR

Por

**Carla Milena Pereira**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi apresentado em 27 de junho de 2019 como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Educação Física. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

---

Prof. Dr. Ana Paula Cabral Bonin Maoski  
Orientador

---

Prof. Dr. Gilmar Francisco Afonso  
Membro titular

---

Profa. Dra. Priscila Ellen Pinto Marconcini  
Membro titular

\* O Termo de Aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

## RESUMO

PEREIRA, Carla Milena. **Objetificação e invisibilidade no futebol: relato de árbitras e jogadoras do futebol amador**. 47f. Monografia de Graduação (Bacharelado em Educação Física) – Departamento Acadêmico de Educação Física. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

O futebol é o esporte mais popular do mundo. Assistido por milhares de pessoas no mundo todo, seja pela ida aos estádios ou pelo meio televisivo, é um esporte que atrai os brasileiros e foi se popularizando a partir do século XX, mas foi apenas no século XXI que as mulheres conseguiram ter mais espaço em um esporte predominantemente masculino. O objetivo do presente estudo foi conhecer a opinião de árbitras e jogadoras de futebol sobre a objetificação das mulheres no contexto esportivo. A metodologia proposta neste estudo foi de uma abordagem qualitativa, sendo realizadas entrevistas com quatro árbitras e quatro jogadoras de futebol. A análise de dados deu-se por meio da análise de conteúdo a partir da transcrição das respostas. No que tange os resultados, evidencia-se a objetificação e invisibilidade da mulher no futebol, bem como a violência que árbitras e jogadoras sofrem por estarem atuando em um esporte popularmente masculino. Mesmo depois de anos desde a primeira conquista das mulheres em campo e recentemente a atleta Marta tornar-se a maior artilheira da história das Copas, entre homens e mulheres, ainda há resquícios de um passado em que historicamente se perpetua em que o futebol é um espaço de dominação masculina e voltado, exclusivamente para os homens.

Palavras-chave: Futebol. Mulher. Invisibilidade. Objetificação.

## **ABSTRACT**

PEREIRA, Carla Milena. **Objectification and invisibility in football: report of referees and amateur soccer players**. 47lf. Undergraduate's monography (Bachelor Course in Physical Education) – Academic Department of Physical Education, Federal University of Technology – Paraná. Curitiba, 2019.

Football is the most popular sport in the world. Watched by thousands of people all over the world, either by going to the stadiums or through television, it is a sport that attracts Brazilians and became popular from the twentieth century, but it was only in the XXI century that women managed to have more space in a predominantly male sport. The objective of the present study was to know the opinion of referees and soccer players about the objectification of women in the sporting context. The methodology proposed in this study was the qualitative approach, with interviews with four referees and four soccer players. The analysis of data was made through content analysis from the transcription of the answers. Regarding the results, the objectification and invisibility of women in football is evident, as well as the violence that referees and women players suffer from being active in a popularly male sport. Even after years since the first conquest of women on the field and recently the athlete Marta became the highest scorer in the history of the Cups, between men and women, there are still remnants of a past in which historically perpetuates that football is a space of male domination and aimed exclusively at men.

**Keywords:** Soccer. Women. Invisibility. Objectification.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Comparativo de estudos realizados .....	8
QUADRO 2 – Caracterização das árbitras e jogadoras. ....	25

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>6</b>
1.1 JUSTIFICATIVA.....	8
1.2 PROBLEMA E HIPÓTESE .....	10
1.3 OBJETIVO GERAL.....	10
1.3.1 Objetivo(s) Específico(s).....	10
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>11</b>
2.1 História do futebol no Brasil.....	11
2.1.1 Trajetória do futebol feminino no Brasil .....	12
2.2 Árbitras do futebol.....	15
2.3 Objetificação e invisibilidade.....	17
<b>3 METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	<b>21</b>
3.1 TIPO DE ESTUDO .....	21
3.2 PARTICIPANTES .....	21
3.2.1 Critérios de Inclusão .....	21
3.2.2 Critérios de Exclusão.....	22
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	22
3.3.1 Instrumentos .....	22
3.3.2 Procedimentos .....	22
3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS.....	23
3.5 ANÁLISE DE DADOS.....	23
<b>4 RESULTADOS</b> .....	<b>25</b>
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	<b>32</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>36</b>
APÊNDICE 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	40
APÊNDICE 2 - Termo de compromisso, de confidencialidade de dados e envio do relatório final .....	43

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é o esporte mais popular do mundo (STOLEN *et al.*, 2005). É assistido por milhares de pessoas seja pela ida ao estádio ou pelo meio televisivo, é um esporte marcado pela rivalidade entre as torcidas, em relação a goleadas, títulos e posição em tabelas de campeonatos bem como pela conquista de troféus e taças.

No final século XIX, retornando de estudos que estavam sendo realizado, Charles Miller, traz ao Brasil bolas, uniformes e regras de um jogo que vinha fazendo sucesso na Grã-Bretanha, denominado Futebol e era praticado pela elite (RUIZ, 1998; NETTO, 2002). Assim como na Europa, também era apenas praticado pela classe mais favorecida, porém, pouco tempo depois, popularizou-se para a grande massa. Apenas no século XX, mulheres conseguiram ter mais espaço em um esporte predominantemente “masculino” e uma das razões para esta conquista foi a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos, mesmo sob diversos protestos e posicionamento contrários a essa participação feminina, as mulheres estiveram presentes na segunda edição, no ano de 1900 e isso possibilitou, ainda de maneira precoce, certa visibilidade para mulheres.

Uma das pessoas contrárias a ideia de se estar presentes em campo, foi Pierre Coubertin, considerado o “pai” dos Jogos Olímpicos da era moderna. Segundo ele:

Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e alli não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vel-as obedecem preocupações de outra especie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral. Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetaculo, não há razão alguma para condenal-os. Ver-se-á, então, o que delle resulta. Talvez as mulheres comprehenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir intelligentemente a educação physica dos seus filhos (COUBERTIN, 1938, p.46).

Com isso, pode-se analisar que mulheres que não performavam feminilidade e que se desprendiam da submissão dos homens e da sociedade, eram vistas com olhar preconceituoso, pois o natural seria a mulher exercer o papel que lhe cabe socialmente, e é ensinado a ela desde criança.



Neste contexto podemos analisar a seguinte citação:

Os papéis sexuais são aprendidos desde cedo pela criança através da observação da realidade cultural à sua volta e através das pressões de grupos. Estes papéis não são naturais. São impostos culturalmente. Estas características psicológicas aprendidas permanecem, pois são adquiridas desde cedo e nível muito profundo. O primeiro contacto da criança com o mundo faz-se através da família. A estrutura familiar é o primeiro veículo transmissor dos valores da sociedade (Goldenberg; Toscano, 1992, p.112).

Ou seja, naturalmente dentro deste contexto familiar, a menina aprende que se deve brincar de casinha e a cuidar de bonecas, pois é uma maneira indireta de fazer com que a criança aprenda, mesmo que ludicamente sobre seu futuro. Sendo assim, é comumente o estranhamento quando ocorre de uma menina se interessar pela prática esportiva e até dos pais ou responsáveis serem contra, sendo alegado que é um esporte predominantemente masculino e violento, como é lembrado:

Aos homens era permitido jogar futebol, baquete e judô, esportes que exigiam maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos; às mulheres, a suavidade de movimentos e a distancia de outros corpos, garantidas pela ginástica rítmica e pelo voleibol. O homem que praticasse esses esportes correria o risco de ser visto pela sociedade como afeminado. O futebol, esporte violento, tornaria o homem viril e, se fosse praticado pela mulher, poderia masculinizá-la, além da possibilidade de lhe provocar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores (Souza; Altmann, 1999, p.57).

Brevemente, pode ser analisado que a não aceitação e invisibilidade de mulheres no futebol está diretamente ligado ao contexto histórico e social do papel da mulher, mãe e tardiamente esportista.

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Desde criança sempre fui adepta ao esporte e durante a faculdade me vi sendo questionada como a mulher é colocada como um ser inferior ao homem em tantos aspectos, inclusive no meio esportivo, como por exemplo, no futebol. Trazer para o centro das discussões a invisibilidade e objetificação que jogadoras e árbitras no futebol feminino amador estão sempre sujeitas, tanto por motivos históricos do futebol quanto da nossa sociedade, nos faz refletir que precisamos dar mais voz a mulher e buscar mais estudos sobre, pois, analisando, foi constatado que os dados sobre o futebol feminino no Brasil é tão escasso, comparado ao futebol masculino. O quadro abaixo mostra os principais estudos encontrados e que balizaram o referencial teórico desta pesquisa:

QUADRO 1 – COMPARATIVO DE ESTUDOS REALIZADOS

Nome	Autores	Metodologia	Ano	Publicação
Uma historia do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990	Leila Salvin; Wanderley Marchi Júnior	Histórico da Revista 80/90	2013	Revista Movimento
A invisibilidade e a trajetória das mulheres no futebol feminino	Heloisa Helena Baldy dos Reis; Osmar Moreira de Souza Júnior	Histórico em Jornais	2014	CEV (Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero - v.4 - n.6 – 2014
Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática	Fábio Luís Santos Teixeira; Iraquitana de Oliveira Caminha	Identificar as condições para a existência do preconceito de gênero no futebol feminino. Buscaram em artigos.	2013	Revista Movimento
Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista	Patrícia Lessa	Observação feminista a partir da idealização do corpo ideal e mulheres em diferentes modalidades	2005	Revista Motrivivência
"Guerreiras de chuteiras" na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro	Leila Salvini; Wanderley Marchi Júnior	Descrever e analisar relatos de dificuldades e motivações enfrentadas por jogadoras de futebol. Entrevista.	2016	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte
Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades	Silvana Vilodre Goellner	Análises de artigos, matérias jornalísticas, livro de esportes e de educação física	2005	Revista Motrivivência
Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman	Leila Salvini; Juliano de Souza; Wanderley Marchi Júnior	Estudo empírico-teórico	2015	Revista Brasileira de Educação Física e Esporte

FONTE: A autora (2019)

## 1.2 PROBLEMA E HIPÓTESE

Como árbitras e jogadoras atuantes no futebol paranaense se sentem sobre a objetificação das mulheres no contexto esportivo?

## 1.3 OBJETIVO GERAL

Analisar como árbitras e jogadoras atuantes no futebol paranaense se sentem sobre a objetificação das mulheres no contexto esportivo.

### 1.3.1 Objetivo(s) Específico(s)

1. Identificar no conteúdo presente os relatos sobre objetificação que árbitras e jogadoras sofrem durante partidas de futebol.
2. Identificar estereótipos pejorativos vinculados à figura da mulher no ambiente esportivo.
3. Verificar se as mulheres se sentem invisíveis no contexto do futebol tendo em vista esse ambiente ser prioritariamente masculino.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 História do futebol no Brasil

O futebol no Brasil foi difundido por Charles Miler, nascido em 1874 em São Paulo, após ter ido à Inglaterra para estudar, trouxe consigo em 1895 na mala duas bolas de futebol, dois uniformes completos e regras sobre o novo esporte (MÁXIMO, 1999). Essa modalidade foi propagada para a elite e, devido a um alto nível de interessados, o futebol foi introduzido no São Paulo Athletic Club, clube fundado por pessoas do alto escalão da sociedade inicialmente para a prática do cricket. Dados apontam que o primeiro jogo contra um time de funcionários, acabou com um placar de 1 x 0 (CALDAS, 1994). O primeiro time de futebol que possuía tanto pessoas da elite como funcionários foi da Cia. Progresso Industrial do Brasil, fundada por vários funcionários da elite inglesa, onde em um bairro de periferia, Bangu, iriam promover o esporte como lazer porém, como possuíam pessoas suficientes para jogar, operários selecionados por meio de exigências poderiam participar e como consequência acabariam tendo regalias, como por exemplo: trabalho mais leve para que poupassem para os jogos e poderiam sair mais cedo nos dias de treino (CALDAS, 1994).

A partir dos anos 20, o futebol foi se popularizando e crescendo até passar a ser um dos produtos mais lucrativos, sendo assim, bastante explorado e comercializado nos meios de comunicação, por se tratar de um entretenimento para combater estresse do dia a dia e proporcionar emoções, como no caso de uma Libertadores ou Campeonatos Brasileiros (LOVISOLO, 2002).

O futebol capitaneou duas grandes transformações no meio esportivo. Primeiro, foi o pioneiro na profissionalização dos seus atletas, que ocorreu no início do século XX, muito antes que em outros esportes. Além disso, foi o primeiro esporte a comercializar seus jogos em escala mundial, entrando para a indústria do entretenimento (Santos, 2002 p.17).

Com isso é possível verificar que o esporte tem grande propensão para o espetáculo e consequentemente está associado ao consumo, sendo um esporte dinâmico e facilmente servindo como atrativo, como pode ser citado quando há um jogo em que torcedores vão aos estádios, levando suas famílias e podendo ou não fazer a aquisição de *sourveniers* de seus clubes favoritos ou, também do canal de TV por assinatura, Premiere Futebol Club (PFC), cuja programação é voltada 100%

para o futebol, transmitindo os principais campeonatos estaduais, além do campeonato brasileiro da série A e da série B (GIGLIO, 2005; MEZZADRI, 2007).

No que se refere aos clubes brasileiros, um levantamento feito pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) em 2017, apontou 234 clubes no Ranking Nacional dos Clubes (RNC), que leva em consideração o desempenho dos clubes nas últimas cinco temporadas. Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, Sociedade Esportiva Palmeiras e Santos Futebol Clube conquistaram as três primeiras colocações totalizando 15.038, 14.720 e 14.574 pontos respectivamente. Outro levantamento feito pela CBF diz respeito a clubes filiados a Federação, como é o caso do Paraná com apenas 36 clubes registrados; quando comparado aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, verificamos que esses possuem 86 e 87 clubes registrados respectivamente. O número de clubes na Série A e na Série B do Campeonato Brasileiro Masculino de 2017 é de 20 clubes, já na série C há uma subdivisão em que há 10 times no Grupo A e 10 no Grupo B. E na Série D também há uma subdivisão de 17 Grupos A com 4 times em cada grupo. Em 2016 foi contabilizado 28.203 jogadores sob contrato no futebol (CBF, 2017). Em contrapartida, o Campeonato Brasileiro Feminino possui apenas 16 clubes, divididos em 2 grupos (A e B) tendo duração de apenas 2 meses, pois todos os jogos são realizados no mesmo dia porém em horários diferentes. Não se tem dados sobre o número de jogadoras registradas e também não se tem dados em relação a números de times femininos filiados a Federação (CBF, 2017). Com tudo isso, podemos notar como o futebol feminino não possui tanto enfoque e como a falta de investimentos acaba tornando o esporte menos atrativo, juntamente com as rasas informações sobre os jogos transmitidos.

### 2.1.1 Trajetória do futebol feminino no Brasil

História, invisibilidade, estigma sobre seu próprio corpo, hegemonia masculina e falta de subsídios, são alguns dos fatores principais os quais jogadoras enfrentam e sofrem dentro e fora dos campos de futebol (GOELLNER, 2005).

É notório que o universo do futebol se caracteriza por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural. [...] A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto

mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas (FRANZINI, 2005).

Não há fontes precisas sobre o início da prática do futebol feminino no Brasil, porém o primeiro contato de mulheres com o esporte foi em arquibancadas, como torcedoras comportadas e recatadas e com vestimentas como se estivessem em uma festa de gala (FRANZINI, 2005). Nesse mesmo contexto há várias hipóteses de como as mulheres foram inserindo-se na modalidade, uma delas é de que as primeiras partidas de futebol na praia foram jogadas em Leblon, no final de 1975, sempre a noite pois as jogadoras tinham dupla função sendo empregadas domésticas (SALLES et al., 1996). Em contrapartida, outra hipótese é de que o futebol feminino está diretamente ligado a “peladas”, o qual é citado um jogo entre atrizes de teatro jogaram uma partida beneficente no Pacaembu, em 1959. Um dado curioso a prática teria iniciado na década 1910, durante o movimento higienista, período o qual, tinha-se ideia de um modelo higienizado de mulher, considerada então: “mulher-mãe” e “mulher-cívica”. A primeira refere-se ao fortalecimento da raça, no que diz respeito à saúde, vigor físico, dentre outros; o segundo diz respeito a honra nacional, a preservação da soberania (GOELLNER, 2000).

Esse movimento, na camada mais alta da sociedade feminina, era voltado principalmente para a filantropia e assistencialismo, um sistema que organizava e prestava assistência a pessoas carentes ou uma comunidade. A partir disso, em 1913 foi organizado um jogo beneficente para arrecadar recursos para a construção do Hospital da Cruz Vermelha, porém quem estava jogando eram homens vestidos com roupas femininas (MOURA, 2003).

Apesar de começarem os avanços em dar maior visibilidade ao futebol feminino, ainda poderia ter uma ideia do quão resistente a sociedade masculina estava perante a liberação e aceitação de mulheres no campo, como pode ser observado no seguinte relato:

Certamente ninguém exigirá da mulher que jogue o football ou o rugby, que esmurre antagonistas com o guante de boxe, que arremesse barras de ferro, que se engalfinhe em luta romana. Há exercícios que lhe não são próprios e que lhe seriam prejudiciais, não só a beleza como à saúde e até a sujeitariam ao ridículo (NETO, 1926, p. 103).

Afirmava-se que o esporte era muito violento e com isso, seria prejudicial ao corpo feminino, podendo até causar danos aos órgãos reprodutores. Também tinha-se a ideia de que com a prática do futebol, mulheres acabariam ficando com um

corpo masculinizado, pernas mais grossas e lesões nas mamas (FARIA, 1995). Outro argumento usado na contra-indicação do futebol feminino, vinha do Dr. Leite de Castro, primeiro médico que se dedicou a medicina esportiva, quando esse argumentou ao jornal A Gazeta Esportiva, que:

Não é no futebol que a juventude feminina se aperfeiçoará. Pelo contrário – é o futebol o esporte que lhe trará defeitos e vícios; alterações gerais para a própria fisiologia delicada da mulher, além de outras consequências de ordem traumática, podendo comprometer seriamente os órgãos da reprodução (ovário e útero) (FRANZINI, 2005, p. 321).

Com todos os argumentos negativos ao futebol feminino, em 14 de abril de 1941 foi estabelecido o Decreto-Lei nº 3.199, determinando bases do esporte em todo território brasileiro, fundando assim o Conselho Nacional de Desportos (CND), tendo em seu art. 54 “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. A revogação do Decreto ocorreu no final de 1970, sendo que nesta época estava acontecendo várias reivindicações e manifestações feministas pelos direitos sociais das mulheres, foi um marco para o futebol feminino no Brasil.

A partir dos anos 70, com ocorrências de alterações significativas nos padrões esportivos internacionais, como o atendimento às demandas dos movimentos feminista de vários países, e a tentativa de massificação esportiva no Brasil, permitiu-se a participação de mulheres em esportes tradicionalmente masculinos, dentre os quais o futebol, cuja prática só foi autorizada no Brasil pelo CND, em 1979. Assim, passou-se a admitir oficialmente que este e outros esportes não causavam tantos malefícios ‘ao corpo’ e à ‘moral’ da mulher, como se afirmava anteriormente (SOUZA, 1997 – p.79).

Após a revogação da CND, houve uma maior atenção ao futebol feminino, em consequência desse acontecimento, o interesse pelo esporte fez com que surgisse uma alta demanda para jogadoras, árbitras, torcedores e equipes.

Assim, ainda que a prática de atividades esportivas seja mais frequente entre homens, o envolvimento de mulheres com os esportes, inclusive com o futebol, está longe de ser desprezível. Se no passado apenas meninos jogavam bola, hoje meninas frequentam esses campos não mais apenas como espectadoras, mas buscando romper com as hierarquias de gênero (SOUZA;ALTMANN, 1999).



A evolução do futebol feminino no Brasil foi lenta, entretanto apesar de todo preconceito e proibição, foi diminuindo consideravelmente os comentários negativos em cima desta modalidade praticada por mulheres.

O primeiro time de futebol feminino datado em excursionar pelo EUA e América do Sul, foi o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, em 1982. Já em 1991, ocorreu o primeiro Campeonato Sul-Americano em Maringá-Pr e o Brasil foi campeão invicto e em 2003, o Brasil foi tetra campeão sul americano invicto na categoria adulto (Da Costa, 2006). Contava, no Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino A1, na primeira fase com 16 clubes os quais foram divididos em dois grupos, o primeiro grupo contava com: Corinthians-SP, Iranduba-AM, Kindermann-SC, Audax-SP, Sport-PE, Vitória-PE, São Francisco-BA e Grêmio-RS. Já no Grupo 2 constam: Santos-SP, Rio Preto-SP, Flamengo-RJ, Ferroviária-SP, Foz Cataratas-PR, São José-SP, Ponte Preta-SP e Vitória-BA. A final do campeonato foi disputada entre Santos – SP e Corinthians – SP, tendo vitória do Santos – PR.

## 2.2 Árbitras do futebol

A participação de árbitros durante partidas de futebol só passou a acontecer justamente para que fosse diminuída a violência dentro de campo e com isso, passou-se a ter o comando da partida, contudo no século XIX mesmo com regras implantadas, a figura do árbitro ainda era inexistente (BOSCHILIA, VLASTUIN e MARCHI, 2008). Desde então se tornou parte essencial em jogos, pois além do condicionamento físico, é necessário ter o conhecimento de todas as regras para ser aplicado advertência/punição no momento correto (DUARTE, 2003).

Art. 1º- A profissão de futebol é reconhecida e regulada por esta Lei, sem prejuízo das disposições não colidentes contidas na Legislação vigente. Art. 2º- O árbitro de futebol exercerá atribuições relacionadas às atividades esportivas disciplinadas pela Lei no 9.615, de 24 de março de 1998, destacando-se aquelas inerentes ao árbitro de partidas de futebol e as de seus auxiliares. [...] Art. 4º- É facultado aos árbitros de futebol organizar-se em associações profissionais e sindicatos. Art. 5º- É facultado aos árbitros de futebol prestar serviços às entidades de administração, às ligas e às entidades de prática da modalidade desportiva futebol (BRASIL, 2013).

A ascensão da mulher não vinha somente de jogadoras e torcedoras, mas também de árbitras dentro do campo. De acordo com Mourão (2000), as mulheres não utilizaram de confrontos físicos e lutas para tomarem espaço dentro do campo

mas sim, aos poucos e ao longo da história foram se infiltrando e ganhando reconhecimento.

A função de árbitra, por ser configurada como líder e comandante de uma partida, acaba enfrentando barreiras, isso porque há uma desigualdade de poder entre os gêneros em diversos cargos na sociedade em geral, como também acontece com técnicas e gestoras esportivas. Isso ocorre por haver uma ideia construída culturalmente de que cargos que possuem exigências como liderança, força e comando, são prioritariamente masculinos, fazendo com que mulheres acabem ocupando cargos intermediários e até baixos. Também o fato da mulher ser vista como uma figura frágil, delicada e “mulherzinha”, acomete uma alta tendência em menosprezar a mulher em um cargo que é considerado masculino (KIRSCH, 2014).

Temos como primeira árbitra feminina no Brasil e no mundo, Asaléa Campos Michelli, mais conhecida como Léa Campos, que iniciou sua atuação em 1967, após ter realizado o curso na Federação Mineira de Futebol sendo a única mulher da turma. Em 1971 foi reconhecida como a primeira árbitra pela FIFA, Federação Internacional de Futebol, todavia a categoria de árbitra na FIFA se deu apenas em 1995 (CAMPOS, 2015).

Outra árbitra de grande destaque foi Cláudia de Vascolles Guedes, primeira mulher a apitar uma competição oficial organizada pela FIFA, a I Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1991. Sílvia Regina de Oliveira, compôs o primeiro trio de arbitragem de mulheres em um Campeonato Brasileiro em 2003 e a primeira a apitar uma partida da Copa Sul-americana (REIS; ARRUDA, 2011).

Estilizadas pelo olhar masculino, as representações de beleza e feminilidade presentes na sociedade sugerem o desejo, o sonho, o prazer e as aspirações dos homens, que depositam no detalhe da forma do corpo da mulher a sua habilidade e o seu poder. Um poder que se afirma não pelo o que ela diz ou pensa, mas pelo que exhibe. Um poder que simultaneamente a liberta e a subordina, porque a encerra nos domínios da natureza do seu corpo (GOELLNER, 2000).

Mesmo nos deparando com tantos casos de preconceito, invisibilidade e machismo, as mulheres têm atuado cada mais vezes na arbitragem de futebol, como mostra um levantamento feito no site da CBF; no Brasil foi constatado que 12 mulheres são árbitras pela CBF e apenas 5 são árbitras pela FIFA. Afunilando ainda mais a pesquisa, foi averiguado que apenas 1 mulher se encontrava no quadro de relação de árbitras no Paraná, sendo a mesma da FIFA. Logo após foi feito um

apanhando de todas as federações e todas categorias (FIFA/CBF/Todas) e foram encontradas 17 árbitras atuantes (CBF, 2017).

Em contrapartida, na mesma pesquisa foi averiguada a discrepância no que diz respeito aos árbitros, pois os mesmos são 226 no cargo de árbitros de todas as federações e categorias. Já na categoria CBF de todas as federações, o número de árbitros cai para 9 e na categoria FIFA de todas as federação, são 10 árbitros. Na Federação Paranaense, foi possível a análise de 12 árbitros de todas as categorias (CBF, 2017). Talvez esse seja o motivo de verificarmos tantos homens em campo e uma vez ou outra, mulheres comandando uma partida de futebol, seja no Campeonato Brasileiro ou até um Campeonato Regional.

### 2.3 Objetificação e invisibilidade

Na trajetória das mulheres, há uma busca incessante de conquistas de espaços, visibilidade e da quebra do termo “sexo frágil” (FURLAN; SANTOS, 2008) e em contrapartida, tendo de lutar contra a objetificação por meio da mídia e reportagens esportivas, os quais acabam por evidenciar exacerbadamente a sensualidade e dando enfoque prioritariamente no corpo feminino do que no esporte praticado em questão (GOELLNER, 2005), como pode ser descrito no artigo “Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990” de Leila Salvini e Wanderley Júnior.

Ela tem que avaliar tudo o que é e tudo o que faz, porque a forma como ela se apresenta para outras pessoas e, principalmente, a forma como se apresenta para os homens é de crucial importância para o que é usualmente pensando como sucesso em sua vida. [...] Os homens avaliam as mulheres antes de lidar com elas. Consequentemente, a forma como uma mulher se apresenta para um homem, pode determinar como ela será tratada. Para adquirir algum controle sobre esse processo, as mulheres precisam contê-lo e interioriza-lo (BERGER, 1972).

Mulheres são vistas para se ter um corpo belo, excessivamente magro, barriga lisa, cintura fina e músculos definidos, mas não avantajado, juntamente onde o excesso de gordura é visto como algo repulsivo e abominável, entre outras tantas exigências sobre um padrão de beleza (BERGER, 2006; HARRISON, 2003). Outro exemplo de objetificação da mulher no esporte, pode ser encontrado no Projeto de Marketing elaborado pelo Saad Esporte Clube, o qual percebendo o alto interesse

de mulheres no futebol, promoveram um “novo perfil da modalidade”, cujo objetivo era minimizar o impacto do preconceito em cima do estilo das jogadoras. Tinham em mente que mulheres bonitas e com alto padrão de beleza, acabariam despertando o interesse de mulheres de todas as faixas etárias (CARDOSO, 1996).

Segundo Goellner (2005), as mulheres no início do século XIX eram vistas como sinônimo de saúde e diretamente ligadas a cumprir o papel de reprodutoras. A partir dos anos 70, a mulher começou a ser erotizada por seus corpos, ressaltando mais uma vez as características do seu sexo, toda essa espetacularização da mulher pode ser verificada em diversos meios na mídia, como foi o caso na reedição em 2001, do “Paulistana”, Campeonato Feminino de Futebol organizado pela FPF, Federação Paulista de Futebol, o qual, as jogadoras tinham de passar por algumas exigências da própria federação para poderem participar do campeonato. Tais exigências eram: cabelo comprido, não poderiam ter mais de 23 anos e mulheres de cabelo raspado tinham sua entrada negada, pois os dirigentes objetivavam a união de um futebol atrelado à feminilidade (KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003).

Mesmo não sendo homogêneo o pensamento dessa época, estes documentos oficiais (as proibições) expressam representações sobre o esporte naquele contexto cultural”. Reforçavam também, concepções normatizadas de feminilidade, em geral, associadas à maternidade e à beleza feminina e, para as quais, esportes considerados como “violentos” deveriam passar ao largo das experiências de sociabilização das meninas e moças (GOELLNER, 2005, p. 146).

O governo brasileiro naquela época também possuía a mesma concepção a respeito do papel da mulher e sobre sua condição social, tal como fizeram a promulgação em 1941 do Decreto-lei nº 3.199, que até 1975 estabeleceu as Bases de Organização dos Desportos em todo o país. No seu artigo nº54 fazia menção das mulheres no esporte:

... às mulheres não se permitirá a prática dos esportes incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional dos Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país... (Brasil, 1941).

Após alguns anos, em 1965, acaba sendo revogada a deliberação nº 7 e passa a ser substituída pela nº10:

... nº 1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação (Brasil, 1981).

Contudo, mesmo com a nova deliberação, não se tinha nenhum incentivo para que mulheres adentrassem no mundo esportivo, foi então que em 1986, o Conselho Nacional de Desportos (CND), baixou a recomendação nº 2, o qual “reconhece a necessidade de estímulos à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas no país” (SOUZA JR.; DARIO, 2002).

Com isso, podemos direcionar diretamente o incentivo ao esporte feminino com interesses econômicos e até com o intuito de trazer mais visibilidade ao clube, como traz:

O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil (GOELLNER, 2015, p.147-148).

Toda essa espetacularização do corpo feminino, acaba sendo aceita e até incentivada, devido ao fato da padronização de beleza em determinados meios de comunicação e locais (GOELLNER, 2005). Já em campos de futebol e arenas de luta, a espetacularização passa a ter enfoque no estranhamento do corpo da mulher, pois devido ao excessivo trabalho em cima do corpo, com treinamentos contínuos e exercícios físicos, o corpo da mulher passa a não ser mais feminizado.

[...] são estereotipadas como “machonas”, homossexuais, já eu o futebol é colocado como “coisa de homem”; de outro lado os meninos apresentam uma tendência de se comportarem como “os donos da bola”, assumindo muitas vezes comportamentos agressivos, externados física e/ou verbalmente contras as meninas, na intenção de exercer seu papel de dominação, mostrado por meio do futebol sua masculinidade (SEABRA, 2009, p. 3).

Um dos casos explícitos de invisibilidade pode ser mencionado na Copa do Mundo de Futebol Feminino de 2015, a qual, só teve os jogos da Seleção feminina transmitidos apenas por uma emissora de televisão. Segundo uma reportagem publicado no site Geledés<sup>1</sup>, foi feito um apanhado de momentos em que mulheres foram objetificadas e invisibilizadas no meio esportivo, podendo ser citado o seguinte

---

<sup>1</sup> Organização de feminismo negro fundada em 1988 que se posiciona em defesa de mulheres e negros, também se posiciona contra todas as demais formas de discriminação.

trecho: “Não importa o quanto uma menina seja talentosa, ela será diminuída a um nível de objeto. Se estiver dentro dos padrões, será apenas mais um rostinho bonito, uma “musa”. Se não estiver nos padrões, será humilhada (...)”.

E no meio de tudo isso, diariamente a mulher vem lutando pelo seu papel na sociedade e cada vez mais sendo vista, tanto pela mídia como marcando seu lugar na história.

### 3 METODOLOGIA DE PESQUISA

#### 3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente estudo baseou-se em uma abordagem qualitativa de pesquisa, de caráter exploratório, por meio de uma pesquisa de campo com entrevistas do tipo semiestruturadas. O objetivo do estudo qualitativo tem como finalidade a investigação de situações complexas e exclusivamente particulares.

A pesquisa qualitativa pode ser considerada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos (Richardson, 1999 p.90).

Para Gil (2007), a pesquisa exploratória tem como objetivo trazer mais clareza e familiaridade com o problema. São envolvidas nesse tipo de pesquisa: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão. A pesquisa de campo é caracterizada por envolver pesquisa bibliográfica e/ou documental, além da realização de coleta de dados (FONSECA, 2002). Neste estudo foi determinada a realização de entrevistas do tipo semiestruturadas, o qual, além de questões organizadas sobre o tema, as pessoas entrevistadas puderam falar livremente sobre assuntos que surgiram ao longo do tema principal (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

#### 3.2 PARTICIPANTES

Oito participantes dentre as quais 4 árbitras e 4 jogadoras do futebol amador de Curitiba e Região Metropolitana.

##### 3.2.1 Critérios de Inclusão

Árbitras estarem em atividade há mais de 6 meses.

Jogadoras estarem vinculadas a algum time.

### 3.2.2 Critérios de Exclusão

Jogadoras vinculadas a algum time a menos de 3 meses

## 3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

### 3.3.1 Instrumentos

Inicialmente foi realizada uma entrevista semiestruturada com auxílio de um gravador e bloco para anotações, o questionário foi baseado em perguntas sobre o tema abordado neste estudo, podendo sofrer alterações durante a entrevista, a mesma aconteceu pessoalmente (COSTA; COSTA, 2012). O roteiro de perguntas tem como objetivo analisar as dimensões de mídia, investimentos, violência, objetificação e visibilidade para saber das árbitras e jogadoras o que elas pensam sobre e também uma abertura para que relatassem alguma vivência para que fossem analisados. Antes da realização das entrevistas, foi coletada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### 3.3.2 Procedimentos

Considerando os critérios de inclusão foi realizada uma busca por atletas e árbitras via redes sociais convidando para a pesquisa. No caso de aceite foi combinado um dia, horário e local (de preferência da participante) para a realização entrevista. Com três dias de antecedência à data da entrevista de cada uma das participantes, foi enviado o roteiro de entrevista. No que se refere ao roteiro, foram realizadas algumas perguntas referentes a atuação das árbitras e jogadoras em campo e relacionadas a objetificação que enfrentam durante as partidas de futebol e como o futebol feminino possui tanta invisibilidade. As entrevistas tiveram duração de 40 minutos a 60 minutos. O roteiro de entrevista, o qual fora elaborado pela pesquisadora, constava 8 perguntas no que se refere ao trabalho das árbitras, a visibilidade existente ou não no futebol feminino, os critérios de árbitros convocados para determinada partida, bem como a participação da mídia e em relação a investimentos. Para as jogadoras, o roteiro de entrevista estava composto por 7 perguntas as quais se assemelham às das árbitras no que se refere à visibilidade e



preconceitos, também em relação a mídia e investimentos. Depois de realizadas todas as entrevistas, foram selecionados os trechos referentes ao tema e transcritos para posterior análise de seus respectivos relatos. Valem ressaltar que para os resultados, os nomes das participantes foram alterados a fim de manter o anonimato.

### 3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS

Como risco foi considerado o constrangimento com relação a alguma pergunta do roteiro de entrevista, tendo em vista que algumas questões poderiam atingir algum lado emocional negativo. Para minimizar este risco, foi mantido o anonimato das participantes, além disso, elas poderiam desligar-se da pesquisa a qualquer momento.

Enquanto benefícios cabe evidenciar que os dados obtidos seriam disponibilizados para as participantes, profissionais e também aos estudantes do curso de Educação Física, a fim de que analisem acerca de como a mulher é vista principalmente no meio esportivo e assim, entender que a questão da objetificação da mulher no esporte é um tema que carece de estudos e pesquisas. Além disso, é necessário “dar voz” a estas mulheres que muitas vezes sofrem em campo, e que podem, a partir desta pesquisa, compreender seu espaço no futebol paranaense e lutar por sua integridade e legitimidade exigindo ética e moralidade em comentários e atitudes quanto a sua atuação.

### 3.5 ANÁLISE DE DADOS

A análise de conteúdo deu-se através da transcrição de trechos escolhidos pelo pesquisador, segundo BARDIN (2011 p.48):

[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

A pesquisa foi organizada em três segmentos: 1) pré-análise; 2) exploração do material; e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Inicialmente foi realizada a transcrição das entrevistas, logo após foi feita a leitura das falas e por final, colhido trechos das respostas para análise.

## 4 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados referente às entrevistas semiestruturadas, no que se refere a mídia, investimentos, violência, objetificação e visibilidade de árbitras e jogadoras do futebol amador, logo abaixo consta o quadro de caracterização das participantes.

QUADRO 2 – Caracterização das árbitras e jogadoras

Nome	Idade	Área de Atuação	Tempo de Atuação
Andrea	33 anos	Árbitra	15 anos
Bruna	27 anos	Jogadora	12 anos
Felipa	30 anos	Árbitra	7 anos
Larissa	22 anos	Árbitra	3 anos
Letícia	29 anos	Jogadora	4 anos
Patrícia	25 anos	Árbitra	7 anos
Rosana	26 anos	Jogadora	6 anos
Rosário	37 anos	Jogadora	22 anos

### 4.1 MÍDIA

No que se refere à categoria mídia, é unânime a opinião referente à falta de enfoque que se é dado no futebol feminino, como pode ser analisado na fala de Bruna: “Ah, bem pouco. A gente ainda está em uma fase de agora que as portas estão se abrindo para o futebol feminino no caso. Mas ainda é muito restrito (...)”. Ainda no mesmo sentido, temos a fala de Rosana que revela que: “Então, eles não têm certo interesse com relação ao futebol feminino, acho muito pouco (...)”.

A opinião de Rosário é semelhante. Segundo ela haveria necessidade de uma maior divulgação do futebol feminino: “(...) se tivesse mais essa divulgação e mais essa ajuda, talvez tivesse mais ajuda em relação a patrocinadores né?!(...)”. Ainda nesse sentido Letícia revela que a mídia ajuda muito pouco haja vista que poderia estar divulgando de maneira mais enfática o futebol feminino.

Concordante com as falas acima, algumas jogadoras também entraram nos pontos de que um número maior de patrocinadores bem como uma maior divulgação fossem algumas das possibilidades para que o futebol feminino acabe se tornando mais conhecido e popularizado assim como é o futebol masculino. De acordo com a

jogadora Rosário: “(...) depende muito de patrocinadores porque a maioria dos jogos tem arbitragem pra pagar, tem uniforme e muitas vezes esse valor sai do bolso das jogadoras mesmo”.

Essa questão também foi apontada pela jogadora Letícia que revelou que:

Deveriam existir mais patrocinadores para ajudar na divulgação porque a mídia propriamente dita não faz seu papel em divulgar, ou seja, quem está em casa ali assistindo a televisão, vai prestar atenção no que está passando ali. Então, se não existe a divulgação, o futebol feminino fica pouco conhecido, mas acho que se começasse a passar, tenho certeza que iria ter muito mais torcida, muito mais gente simpatizante com o futebol feminino.

Ou seja, mídia e investimentos acabam que por andarem juntos para que a visibilidade e interesse em divulgar o futebol feminino aconteçam.

## 4.2 INVESTIMENTOS

Já no quesito investimentos, podemos notar uma opinião coletiva relacionada à falta de investimentos nesse meio futebolístico, sendo mencionada pela jogadora Bruna: “(...) é muito pouco [investimento], tem que melhorar muito ainda pra nós podermos trazer mais meninas para o futebol e para que elas apareçam mais também”.

A jogadora Letícia também revela que o investimento no futebol feminino é muito pequeno, “na verdade não existe quase, né?! E também pela jogadora Rosana, que relacionou a falta de investimentos com os aspectos vinculados à emoção. Segundo ela: “(...) é pouco porque eles acham que o futebol feminino não tem tanta emoção quanto o futebol masculino. Então eles acabam não tendo interesse (...) não dão essa certa importância”. Já a jogadora Rosário relacionou a falta de investimentos com outro ponto relevante:

Eu acho precário. Não acho que eles foquem mais justamente porque eles não sabem como as mulheres jogam, entendeu? Ficou na cabeça da maioria deles que mulher só joga por jogar, mulher não joga por ser uma paixão ou porque ela saiba fazer muito bem e hoje em dia nós temos mulheres que jogam muito melhores que homens.

Pôde-se analisar de forma unânime a falta de investimentos tanto voltado para falta de interesse da mídia e conseqüentemente a precariedade de patrocinadores e divulgação como também a falta de sensibilidade dos homens em relação a mulher ter interesse e ser apaixonadas por futebol.

#### 4.3 VIOLÊNCIA

Na categoria violências, obtiveram-se relatos referentes a aspectos tanto no quesito violência como preconceito e desacatos. Observamos em inúmeros relatos que as mulheres já sofreram (e ainda sofrem) diferentes tipos de violência durante sua atuação no futebol feminino. De acordo com a árbitra Andrea: “A violência que eu já recebi nesses 15 anos de arbitragem foram: cuspiram em mim, me deram empurrão, chute. Teve violência física, violência verbal”.

Já a árbitra Larissa revela que: “já ouvi xingos, gritos de falarem que eu estou errada, que eu não entendo de futebol, que eu não deveria estar ali, que eu escolhi a profissão errada, que meu lugar não é ali”. Em contrapartida a árbitra Felipa interpreta que a escolha pela profissão causa não necessariamente um preconceito, mas sim um “estranhamento”.

A jogadora Bruna, revelou como a questão da idade interfere nos diferentes tipos de violência verbal sofridos pelas mulheres que estão em campo:

(...) no meu caso não (...) eu já presenciei da pessoa ser um pouco mais velha e estar jogando e a pessoa da arquibancada falar “você nem é pra tá aí, você não tem idade pra isso, você não joga nada”, no caso por conta da idade, porque acham que a gente quando chega a certa idade já não presta mais pra nada e que mulher tem um relógio que só chega lá aos 40, vamos supor, depois dos 40 já não presta mais pra nada.

Ainda sobre violência, a jogadora Rosana entra em um ponto interessante sobre o limite da violência: “A gente só escuta o pessoal falando, xingando “dá cartão”, “expulsa”, “quebra ela” (...) mas é durante o jogo, acabou o jogo você não tem mais isso”. Já a jogadora Rosário relata um quesito a mais em relação a violência que vivencia desde que joga:

(...) tem essa questão do preconceito por ser mulher, por “não sabe jogar” a maioria das torcidas falam isso, “o que vocês estão fazendo aí, vocês não sabem jogar bola” ou xingam tipo “mulher não tem que estar aí fazendo

isso” e até mesmo em relação a cor e raça, essas coisas tem muito de torcidas adversárias.

A visão das árbitras com relação a violência complementa os relatos aqui expostos pelas atletas. Segundo Letícia: “os homens pensam que as mulheres nasceram para ser do lar e que quando envolve emoção, garra, determinação, eles querem tirar as mulheres da jogada”.

Em relação a desacato, as árbitras revelaram que já vivenciaram e presenciaram inúmeros acontecimentos e que a violência sempre esteve presente. Como podemos observar no relato de Patrícia:

(...) já tive desacatado desde um cara atrás armado, me ameaçando, pessoas jogando cerveja em mim, as próprias mulheres da torcida dizendo “vou te bater no final do jogo”, “você deveria estar lavando louça”, “o que você está fazendo aqui no meio de campo, “você tem que tá em casa cuidando dos filhos.

Assim como no caso da árbitra Felipa que revelou que “isso sempre acontece ... reclamam, xingam, vem pra cima, sabe? A gente fala que fazem bolinho em volta da gente e daí vem árbitro, vem outras pessoas que separam”. A árbitra Andrea comentou que o que acontece não é nada muito além do que é o normal, ou seja, xingamentos e coisas do gênero.

Segundo a árbitra Larissa: “desacato eu acho que não. Assim, fora de campo não. Durante o jogo às vezes, os caras estão de cabeça quente, às vezes as mulheres também estão de cabeça quente, vem fala uma coisa ou outra, xinga mas fora de campo nunca”.

No que se refere aos critérios que as árbitras precisam atender para serem escaladas para determinada partida, a árbitra Felipa revela que:

Eu acho que é o padrão pra todo mundo, sabe?! Assim, se a gente for pensar em termos de federação que é onde eu fui formada, pela Federação Paranaense, existe teste físico que tem que atingir os índices, tem prova teórica e é igual pra todo mundo. Na verdade para mulheres tem o exame feminino e o masculino, só que se eu faço só o feminino eu só posso atuar em jogo feminino, se eu quiser atuar em jogo masculino eu tenho que passar nos índices masculinos iguais aos homens. Então, o critério tem que atender igual a todo mundo. Isso indefere se é homem ou mulher e tem que ter qualidade também, tem o histórico e tudo mais porque às vezes você vem, por exemplo, de uma sequencia de erros, automaticamente a “geladeira te chama”, mas fora isso não difere nada.

Ou seja, para que mulheres possam arbitrar em mais jogos, visto que, jogos masculinos são em mais números, precisam igualar aos índices dos árbitros, sendo assim acabam sofrendo algum tipo de subordinação, pois, elas necessitam chegar aos mesmos índices masculinos para poder apitarem jogos de futebol masculino.

#### 4.4 OBJETIFICAÇÃO

Na categoria objetificação, 7 das 8 entrevistadas nos relataram episódios que vivenciaram tanto nas suas carreiras como árbitras como atuando como jogadoras. Como podemos analisar o relato da árbitra Patrícia:

Todo jogo. Vai desde escreverem o celular em um bilhete e jogarem no campo “ah, entra em contato comigo sua gostosa e não sei o que” e várias coisas que eu acho que não tem nem o que falar... nos tratam como objeto, alguns torcedores.

Assim também como expôs a jogadora Rosário:

Já, tem muito assim. É justamente em relação ao uniforme. Muitas vezes o uniforme é justo e existe essa questão ou de passarem a mão quando você sai da quadra (...) eles não estão indo para ver um bom futebol, estão indo pra ver um corpo e a gente não vai lá pra mostrar um corpo, vamos lá para mostrar uma arte que é jogar.

De acordo com Felipa: “eu detesto esse tipo de comentário, de “cantadas”, mas assim, gostosa é o mais bonito que você escuta, sabe? E aí vai disso para pior, xingamento mesmo e coisas bem assim que para mim são o auge, que é bem machista”. Letícia, em contrapartida, revela não sofrer com isso por jogar em um clube de menor expressão e por morar em uma cidade pacata.

Sobre esse item a árbitra Larissa revelou que é uma questão cultural e também regional. De acordo com a árbitra:

Então... varia muito de árbitra para árbitra e de região também. Uma região que tem uma cultura que não aceita uma mulher apitando, é mais difícil, agora um lugar onde eles estejam mais acostumados, é um jogo mais tranquilo e nós como arbitras saímos mais tranquilas do jogo.

Já a árbitra Andrea falou sobre um episódio que ocorreu em 2009 quando ganhou um prêmio pelo seu desempenho em campo:

Eu trabalhava em um campeonato e neste campeonato tinha os melhores do campeonato, os melhores do ano e eu recebi um prêmio de melhor

assistente e vieram me falar que eu fui considerada uma das melhores porém só porque eu era mulher e não pelo meu trabalho colocado.

A jogadora Rosana relatou que durante o jogo não ouve, mas que depois as pessoas comentam com ela sobre o ocorrido:

Eu particularmente nunca presenciei isso, nunca ouvi, mas depois do jogo, quando acaba que o pessoal vem falar que “ah, os meninos estavam se engraçando falando: “é por isso que eu gosto de ver o futebol feminino”, “é por isso que eu gosto de ver as mulheres jogando”, porque daí tem umas mulheres que treinam e vão com shorts curto demais.

Para a jogadora Bruna, é comum observar árbitras sendo objetificadas de maneira mais preponderante que as próprias jogadoras. Segundo ela: “atleta de futebol não, mas eu já vi chamarem as bandeirinhas porque no jogo da gente às vezes são bandeirinhas mulheres e daí chegou da gente ver esse tipo de agressão verbal”.

#### 4.5 VISIBILIDADE

No que diz respeito à categoria visibilidade, a árbitra Larissa revelou que “o futebol feminino não só na visão como árbitra, mas como atleta também, é desvalorizado em toda parte”. Ainda no mesmo sentido temos a árbitra Felipa que fez uma comparação com o futebol masculino e revelou que a visibilidade feminina é quase nula:

Quase nenhuma [visibilidade] né? Porque se a gente for comparar, recentemente eu vi uma matéria que pela primeira vez ia ser transmitido na televisão o jogo da Copa do Mundo feminino. Olha em que ano a gente está! E assim, ninguém vai ser dispensado do trabalho, ninguém é dispensado, aliás, do trabalho pra assistir os jogos iguais acontece com o masculino. Eu não sei você, mas desde que eu me conheço por gente, quando estava na escola, a gente não ia para escola para ficar em casa assistindo jogo. (...) É o exemplo muito claro e a gente está muito longe de chegar perto do que é o masculino, eu acho que na verdade está bem longe e não sei se um dia chega nesse nível.

De acordo com a árbitra Andrea, que possui mais de 15 anos de carreira:



Hoje a visibilidade das mulheres no futebol feminino está melhorando, porém não está nem perto de chegar a um patamar bom. Eu acredito que daqui uns cinco anos mais ou menos vai ser bem melhor, quase igualando ao masculino. Estamos muito apagadas ainda, porém melhorando.

Da mesma forma, temos o relato de Patrícia:

Eu acho que agora está começando a ter um “start” maior (...) a CBF tem preferido colocar arbitras femininas em jogos femininos, o que é muito bom, tanto pra mostrar a nossa capacidade [que é igual a de um homem] quanto pra mostrar essa visibilidade das próprias jogadoras, de mostrar o talento que elas tem que joga igual homem pra homem.

Com relação sobre o que teria que ser mudado para que as mulheres tenham mais visibilidade no meio futebolístico, duas das quatro jogadoras entraram no quesito mídia. De acordo com Rosana: “a mídia dar um pouco mais de importância pra gente (...) se não, infelizmente vai continuar parado. (...) Eu acho que falta divulgação, olhar um pouquinho com carinho, né?”

Assim como a jogadora Rosário, que também relatou sobre a falta de divulgação por parte da mídia: “Eu acho que em relação a mídia, a mídia deveria divulgar mais, fazer mais matérias (...) a propaganda é a alma do negócio em tudo hoje em dia (...). Então futebol feminino precisa ser valorizado nessa questão de divulgar (...). Já para Bruna, sua opinião gira em torno de investimentos:

Eu acho que só mudar essa coisa de tratar homem mais do que mulher, ter igualdade em tudo, tanto para investimentos no futebol igual é o masculino, incentivo, tudo tem que ser igual pros dois lados. Quando começar a ser assim, vai melhorar bastante no futebol feminino e vice-versa, vão estar no mesmo nível.

Já a jogadora Letícia lembrou sobre a realização da Copa do Mundo de Futebol Feminino e revelou que:

Eu acredito principalmente esse ano que vai ter a copa que a mídia deveria ajudar bastante, mas não só ela, (...) as empresas de grande porte acho que deveriam ajudar um pouco mais a divulgar, em outdoor, fazer propaganda ou colocar as atletas que irão representar o nosso país em foco (...).

Com isso podemos analisar que na esfera da visibilidade, a mídia acaba tendo uma influência direta e marcante nas falas das participantes.

## 5 DISCUSSÃO

Os resultados obtidos pela categoria média, onde fora questionado para as jogadoras suas opiniões referente à visibilidade midiática do futebol feminino corroboram para com os resultados encontrados por MOURÃO e MOREL (2005) e GOELLNER (2005), os quais apontam para a falta de espaço que o futebol feminino possui na mídia e sua permanência na mesma, visto que é um esporte que aos poucos vem se popularizado gradativamente, porém ainda continua sendo um esporte predominantemente masculino (GASTALDO et., al, 2005).

Uma pesquisa realizada por Knijnik e Sousa (2007), mostrou que mulheres esportistas continuam sendo pouco retratadas pela mídia, mesmo sendo com a crescente participação em competições, resultando assim em uma percepção concreta de que a mídia trata de maneira desigual homens e mulheres. Podemos destacar assim o trecho da jogadora Bruna: *“ah bem pouco, a gente ainda está em uma fase que as portas agora estão se abrindo para o futebol feminino”*. Este relato assim como de outras jogadoras mostra o verdadeiro lado das mulheres que almejam seus devidos reconhecimentos e busca para tal apesar de toda exploração midiática e interesses de patrocinadores, os quais caminham para um único benefício, o lucro (KENSKI, 1995).

Na próxima categoria, a qual foi indagada sobre os investimentos no futebol feminino no Brasil, houve uma opinião generalizada sobre a falta de interesse e a precariedade em maiores incentivos. Esses resultados respaldam estudos feitos por Balardin et al., (2018) e Martins e Moraes (2007), os quais afirmam a falta de interesses em investir pois não há ação direta da mídia, ou seja, como não é divulgado e a mesma detém de uma forte influência econômica os investimentos acabam sendo quase que inexistentes. Os estudos se refletem na fala da jogadora Rosário que entrou em um ponto interessante relacionando a falta de investimento por parte de patrocinadores e interesse da mídia com o contexto social em que vivemos:

Eu acho precário. Não acho que eles foquem mais justamente porque eles não sabem como as mulheres jogam, entendeu? Ficou na cabeça da maioria deles que mulher só joga por jogar, mulher não joga por ser uma paixão ou porque ela saiba fazer muito bem e hoje em dia nós temos mulheres que jogam muito melhor que homens.

Ou seja, por ainda vivermos em uma sociedade sexista, onde a mulher é inferiorizada e não tendo foque no seu talento como o homem acaba tendo, contribui para com a escassez de investimentos e incentivos, reforçando assim a ideia de que o futebol é um esporte masculino (JANUÁRIO, 2017).

Durante a pesquisa foram muitos os relatos significativos em relação a violências verbais e não verbais para com árbitras e jogadoras justamente por serem mulheres que se encontram em um ambiente predominante masculino, as quais ouviram palavras pejorativas, foram ameaçadas e até sofreram agressões. Tais ações incidem sobre a mulher em um contexto moral, físico e psicológico sendo assim caracterizada a violência de gênero (SAFFIOTI, 1994; IZUMINO; SANTOS, 2005; BANDEIRA, 2004).

Muitos dos relatos também vinham de cunho histórico, justamente por reforçarem de que a mulher é unicamente para ser do lar e que ali dentro de campo não é seu lugar (CASTELLANI, 1989). Tivemos também diversos relatos de árbitras e jogadoras que constatarem estudos realizados sobre a sexualização do corpo feminino no futebol e como o contexto histórico acaba por ainda influenciar a prática de objetificação do corpo da mulher (PIORE, 2000; KNIJNIK; VASCONCELLOS, 2003; GOELLNER, 2005), como podemos citar o relato da árbitra Felipa: *“gostosa é o mais bonito que você escuta, sabe? E aí vai disso para pior, xingamento mesmo e coisas bem assim que para mim são o auge, que é bem machista”* ou no relato da jogadora Rosário:

Já, tem muito assim. É justamente em relação ao uniforme. Muitas vezes o uniforme é justo e existe essa questão ou de passarem a mão quando você sai da quadra (...) eles não estão indo para ver um bom futebol, estão indo pra ver um corpo e a gente não vai lá pra mostrar um corpo, vamos lá para mostrar uma arte que é jogar.

A fala acima reflete acerca da objetificação e vai ao encontro dos estudos que reforçam sobre o fato de que muitas vezes há um incentivo da mídia para que se divulgue o corpo e não o futebol em si (KNIJNIK; SOUSA, 2004; GOELLNER, 2005; GOELLNER; GABRIEL; JUNIOR, 2016).

Na esfera visibilidade, os relatos encontrados dizem respeito à falta de divulgação do futebol feminino principalmente por meio da mídia, esfera essa já abordada por Januário (2017) no que tange o futebol feminino. A entrevistada Rosana fala sobre a necessidade de maior atenção da mídia para o futebol feminino e que a mídia poderia *“olhar com um pouquinho com carinho”* e assim divulgar mais

o futebol feminino. A fala de Letícia remete a um importante evento no futebol feminino: A Copa do Mundo de Futebol Feminino, em 2019, na França. Segundo ela:

Eu acredito principalmente esse ano que vai ter a copa que a mídia deveria ajudar bastante, mas não só ela, (...) as empresas de grande porte acho que deveriam ajudar um pouco mais a divulgar, em outdoor, fazer propaganda ou colocar as atletas que irão representar o nosso país em foco (...).

Com essas citações podemos notar que a falta de divulgação e falta de interesse da mídia em mostrar mais o futebol feminino acaba por aumentando consideravelmente a invisibilidade das mulheres em campo e como consequência somente o futebol masculino acaba sendo transmitido (Devide et al., 2008).

Porém, neste momento está acontecendo a Copa do Mundo Feminina na França, onde foram divididos 6 grupos: A – França, Noruega, Nigéria, Coreia do Sul, B – Alemanha, Espanha, China, África do Sul, C – Itália, Brasil, Austrália, Jamaica, D – Inglaterra, Japão, Argentina, Escócia, E – Holanda, Canadá, Camarões, Nova Zelândia e grupo F – Estados Unidos, Suécia, Chile e Tailândia (CBF, 2019).

O Brasil se encontra na 10ª posição do *ranking* da FIFA e logrou êxito na Copa América 2018 levando-as a Copa do Mundo (EBC, 2019). Além disso, a atleta brasileira Marta, tornou-se maior artilheira da história das Copas, entre homens e mulheres, com 17 gols e superou o alemão Miroslav Klose. Ela superou também o Rei do Futebol Pelé que fez ao longo de sua carreira 12 gols em Copas do Mundo (GLOBO, 2019). Mesmo assim, há resquícios de um passado em que historicamente se perpetua em que o futebol é um espaço de dominação masculina e voltado, exclusivamente para os homens.

A transmissão da Copa do Mundo Feminina vêm repercutindo de maneira positiva e, com o auxílio das redes sociais, as pessoas parecem comentar mais sobre o futebol praticado por mulheres. Porém, os comentários que reforçam a objetificação da mulher, tratada neste trabalho, continuam a ser frequentes quando se trata do futebol feminino.

Diogo Magri, do Jornal El País, publicou uma matéria no dia 16 de maio de 2019 sobre os comentários machistas em relação ao álbum de figurinhas da Copa do Mundo Feminina. Segundo ele “o livro com colecionáveis das jogadoras gera comentários sexistas na rede, que vão da ironia à qualidade do torneio ao lamento que as profissionais não mostrem o corpo nas imagens” (EL PAÍS, 2019).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados obtidos nesta pesquisa, foi possível identificar que de acordo com os relatos das opiniões de árbitras e jogadoras, atualmente ainda existe uma parcela expressiva da população que repercute a construção do papel da mulher de anos atrás. Embora toda luta para a reconstrução, nos deparamos com relatos significativos em relação a violência e preconceito que as mulheres sofrem pelo simples fato de 'serem mulheres' em um ambiente até tempo atrás dito como exclusivamente masculino. Analisando por esta perspectiva tem-se o motivo da invisibilidade, pois com todo o preconceito e, historicamente falando, a mulher ainda ouve comentários de estar 'pré destinada' a ser do lar e com isso, perpetuando o estigma de ser um esporte masculino, como consequência, sem tanto investimentos, divulgação e incentivos para tal.

Podemos citar como limitação do estudo o número reduzido de entrevistas realizadas, e cabe evidenciar que esta pesquisa possibilita que futuros estudos possam incluir um número mais expressivo de árbitras e atletas assim como seja ampliada essa pesquisa para outras modalidades esportivas a fim de compreender se ela objetificação e invisibilidade acontecem também em outros esportes.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto Lei nº 3.199 de 14/4/41 – Estabelece as Bases de Organização dos Desportos em todo o país. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-4132338-publicacaoriginal-1-pe.html>. Acesso em: 19/04/18.

BRASIL. Deliberação CND nº 7/65 – Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres. <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2962672/pg-33-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-02-09-1965>. Acesso em: 19/04/18

BALARDIN, G. F.; VOSER, R. C.; DUARTE JUNIOR, M. A ; MAZO, J. Z. . O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 10, p. 101, 2018.

BANDEIRA, L.M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 2, maio-agosto, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BERGER, J. **Ways of seeing**. London, England: Penguin, 1972.

BERGER, M. **Corpo e identidade feminina**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-22112007-150343/>

BOSCHILIA, B; VLASTUIN, J.; MARCHI JR, Wanderley. Implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros de futebol. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 30, p. 1-24, 2008

CALDAS, W. Aspectos Sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP. Dossiê Futebol**, n. 22, jun-jul-ago, 1994.

CAMPOS, A. **Entrevista aberta de Léa Campos**. Produção: Museu do Futebol. São Paulo: Mudeus do Futebol, 2015

CARDOSO, Maurício. “Flores do campo”. Revista Veja, Editora Abril, ed. 1468, São Paulo, 30 out. 1996, p. 72-73.

CASTELLANI, F.L. Esporte e mulher. **Motrivivência**, Sergipe, n. 2, p. 87-92, 1989.

COELHO NETO, Henrique Maximian. O esporte e a beleza. In: MACHADO, Ubiratan (org.). **Melhores crônicas Coelho Neto**. São Paulo, 2009. p.103.

COSTA, M. A. F.; COSTA, M. F. B. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DEVIDE, F. P. et al., Produção de sentidos sobre a visibilidade de mulheres atletas no jornalismo esportivo: interpretações a partir do Caderno de Esportes do jornal O Globo. In: ROMERO, E.; PEREIRA, E. G. (Org.). **Universo do corpo: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape/FAPERJ, 2008. p. 400-416.

DUARTE, O. **Futebol: regras e comentários**. São Paulo: Senac, 2003

FARIA, A. G. Jr. Futebol, Questões de gênero e Co-educação – Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural, **Revista Núcleo de Sociologia do Futebol**, Rio de Janeiro, n. 2, 1995.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho?” Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, dez. 2005.

FURLAN, C. C.; SANTOS, P. L. Futebol Feminino e as Barreiras do Sexismo nas Escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, ano XX, n. 30, p. 28-43, 2008.

GABRIEL, B. J.; JUNIOR, M. A. F. O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S.Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”. **Rev. bras. educ. fís. esporte**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 371-383, jun. 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GASTALDO, E; LEISTNER, R. M. Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Ideias**, São Leopoldo, n. 43, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres em movimento: imagens femininas na Revista Educação Physica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 77-94, jul./dez. 2000.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombra e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, Goiania, v.8, n.1, p.85 - 100,2005.

KENSKI, V. M. O impacto das mídias e das novas tecnologias de comunicação na Educação Física. V Simpósio Paulista de Educação Física. In: **Revista Motriz**. v. 1, n. 2, p. 129-133, 1995.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. Mulheres em notícia: a cobertura midiática da seleção feminina de futebol nas Olimpíadas do Brasil. Anais: **XIII Mundos de Mulheres & Fazendo Gênero**. Florianópolis, SC, 2017.

KIRSCH, L. F. **As mulheres árbitras: aspirações e expectativas em torno de uma profissão**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física). 2014. 40f. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELLOS, E. G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: COZAC, J. R. (Ed.). **Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, 2003.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. Futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Pensar a Prática**, v. 1, n. 10, p. 69-81, jan./jun. 2007.

MÁXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, v. 13, n. 37, p. 179-188, jan./dez. 1999.

MOURA, E. L. **As relações entre futebol, lazer e gênero**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, 2003

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, v. 6, n. 13, p. 5-18, dez. 2000.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.26, p.73-86, 2005.

PRIORE, M. Corpo a corpo com a mulher: pequenas historias das transformações do corpo feminino no BR. São Paulo: SENAC, 2000.

REIS, Heloisa H. B; JÚNIOR, Osmar M.S. A invisibilidade e a trajetória das mulheres no futebol feminino. **Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero**, v.4 – n.6, 2014

REIS, Fábio P. G; ARRUDA, Ivan E. A. Mulher, futebol e arbitragem: um espaço de conquista, tensão e resistência. **EFDesportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires, ano 16, n.162, Novembro 2011.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. Violência de Gênero no Brasil Atual. Estudos Feministas, Rio de Janeiro, **CIEC/ECO/UFRJ**, n. especial, p. 443-461, 1994.



SALES, J. G. C.; SILVA, M. C. P.; COSTA, M. M. A mulher e o futebol: significados históricos. Em S., Votre (Coord.) **A representação social da mulher na educação física e no esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central da UGF, 1996.

SALVANI, Leila; JÚNIOR, Wanderley M. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, v. 30, n. 2, p. 303-11, abr-jun 2016.

Santos, C. M.; Izumino, W. P. Violência contra as mulheres e violência de gênero: Notas sobre estudos feministas no Brasil. E.I.A.L. Estudios Interdisciplinarios de América Latina y El Caribe, v. 16, 2005. Recuperado em 09 novembro 2008, de <http://www.nevusp.org/downloads/down083.pdf>

SEABRA, L. J. O futebol feminino no país do futebol. **Movimento & Percepção**, v. 10, n. 14, p. 3–5, 2009.

SOUZA, E. S. Ensino de educação física escolar para turmas mistas: muito difícil! Difícil demais! **Dois pontos**. p. 78-82, mar/abr. 1997.

SOUZA Jr., DARIO, S. C. A Prática do Futebol no Ensino Fundamental. **Revista Matriz**, v. 8, n. 01, p.1-9, 2002.

SOUZA, S.; ALTMANN, H. Meninos e meninas – Expectativas corporais e implicações na Educação Física escolar. Corpo e educação. **Caderno Cedes**, v. 48, agosto 1999.

SOUZA, J. S. S; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar. 2007.

STOLEN, T. et al., Physiology of soccer: an update. **Sports Med**, v. 35, n. 6, p. 501-36, 2005.

## APÊNDICE 1 – Termo de consentimento livre e esclarecido

**Título da pesquisa:** OBJETIFICAÇÃO E INVISIBILIDADE NO FUTEBOL: RELATO DE ÁRBITRAS E JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR.

**Pesquisador:** Carla Milena Pereira. Telefone: \_\_\_\_\_. Endereço: \_\_\_\_\_

**Responsável:** Ana Paula Cabral Bonin Maoski. Telefone: \_\_\_\_\_. Endereço: \_\_\_\_\_

**Local de realização da pesquisa:** A combinar com a participante.

**Endereço:** A combinar com a participante.

**Telefone do Local:**

### A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

Você está sendo convidada para participar da pesquisa intitulada “OBJETIFICAÇÃO E INVISIBILIDADE NO FUTEBOL: RELATO DE ÁRBITRAS E JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR”, sob responsabilidade da pesquisadora Carla Milena Pereira orientada pela professora Dr. Ana Paula Bonin Maoski.

#### 1. Apresentação da Pesquisa.

A pesquisa visa conhecer a opinião de árbitras e jogadoras atuantes no futebol paranaense sobre a objetificação das mulheres no contexto esportivo. Os dados obtidos serão disponibilizados para as participantes, profissionais e aos estudantes do curso de Educação Física, a fim de que analisem sobre como a mulher é vista no meio esportivo, principalmente no futebol.

#### 2. Objetivos da Pesquisa.

O objetivo desta pesquisa é conhecer a opinião de árbitras e jogadoras atuantes no futebol paranaense sobre a objetificação das mulheres no contexto esportivo.

#### 3. Participação na Pesquisa.

A minha participação no referido estudo será no sentido de:

1. Responder ao roteiro de entrevistas proposto pela pesquisadora que terá duração de 40 a 60 minutos.

#### 4. Confidencialidade

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Entretanto, tendo como compromisso assumir a responsabilidade da utilização dos dados coletados, que serão destinados apenas para esta pesquisa. Os pesquisadores desta mesma forma assumem o compromisso da utilização dos dados conforme prescreve a ética profissional.

## 5. Riscos e Benefícios

**5a) Riscos:** Pode ser considerado como risco o constrangimento com relação a alguma pergunta do roteiro de entrevista, tendo em vista que algumas questões poderão atingir algum lado emocional negativo. Para minimizar este risco, será mantido o anonimato das participantes, além disso, elas poderão desligar-se da pesquisa a qualquer momento.

**5b) Benefícios:** os dados obtidos serão disponibilizados para as participantes, profissionais e também aos estudantes do curso de Educação Física, a fim de que analisem acerca de como a mulher é vista principalmente no meio esportivo e assim, entender que a questão da objetificação da mulher no esporte é um tema que carece de estudos e pesquisas. Além disso, é necessário “dar voz” a estas mulheres que muitas vezes sofrem em campo, e que podem, a partir desta pesquisa, compreender seu espaço no futebol paranaense e lutar por sua integridade e legitimidade exigindo ética e moralidade em comentários e atitudes quanto a sua atuação.

## 6. Critérios de inclusão e exclusão

**6a) Inclusão:** Serão incluídos no estudo os sujeitos que se incluem na seguinte situação:

- Estar em atividade há mais de 6 meses
- Jogadoras estarem vinculadas a algum time.

**6b) Exclusão:** Serão excluídos os sujeitos que incorrerem nas seguintes situações:

- Jogadoras vinculadas a algum time a menos de 3 meses

## 7. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo.

Você pode deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação e tem o direito também de receber esclarecimentos em qualquer etapa da pesquisa. Bem como, evidenciar a liberdade de recusar ou retirar o seu consentimento a qualquer momento sem penalização.

Você pode assinalar o campo a seguir, para receber o resultado desta pesquisa, caso seja de seu interesse :

- ( ) quero receber os resultados da pesquisa (email para envio : \_\_\_\_\_)
- ( ) não quero receber os resultados da pesquisa

## 8. Ressarcimento e indenização.

Nessa pesquisa não há custo para os participantes. Porém, se houver algum tipo de dano ao participante, este tem direito à indenização.

## ESCLARECIMENTOS SOBRE O COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA:

O Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (CEP) é constituído por uma equipe de profissionais com formação multidisciplinar que está trabalhando para assegurar o respeito aos seus direitos como participante de pesquisa. Ele tem por objetivo avaliar se a pesquisa foi planejada e se será executada de forma ética. Se você considerar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você foi informado ou que você está

sendo prejudicado de alguma forma, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). **Endereço:** Av. Sete de Setembro, 3165, Bloco N, Térreo, Bairro Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, **Telefone:** (41) 3310-4494, **e-mail:** coep@utfpr.edu.br.

## B) CONSENTIMENTO

Declaro que li este termo e todas as minhas dúvidas com relação a minha participação me foram esclarecidas. Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas dúvidas a fim da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo permitindo que os pesquisadores relacionados neste documento obtenham **gravação de voz** de minha pessoa para fins de pesquisa científica/ educacional. As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda. Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Telefone: ( ) \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Assinatura do entrevistado: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Eu \_\_\_\_\_ declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às dúvidas formuladas.

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com \_\_\_\_\_, ou via e-mail \_\_\_\_\_ ou telefone: \_\_\_\_\_.

**Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa para recurso ou reclamações do sujeito pesquisado:** Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (CEP/UTFPR). REITORIA: Av. Sete de Setembro, 3165, Rebouças, CEP 80230-901, Curitiba-PR, telefone: 3310-4943, e-mail: coep@utfpr.edu.br

## **APÊNDICE 2 - Termo de compromisso, de confidencialidade de dados e envio do relatório final**

**Título da Pesquisa:** OBJETIFICAÇÃO E INVISIBILIDADE NO FUTEBOL: RELATO DE ÁRBITRAS E JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR

Eu, Ana Paula Cabral Bonin Maoski, pesquisadora responsável pelo projeto de pesquisa intitulado OBJETIFICAÇÃO E INVISIBILIDADE NO FUTEBOL: RELATO DE ÁRBITRAS E JOGADORAS DO FUTEBOL AMADOR, comprometo-me a dar início a este estudo somente após apreciação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Tecnológica Federal do Paraná e registro de aprovado na Plataforma Brasil.

Com relação à coleta de dados da pesquisa, os pesquisadores, abaixo firmados, asseguram que o caráter anônimo das participantes por meio da gravação de voz serão mantidos e que suas identidades serão protegidas. Além disso, os roteiros de entrevista não serão identificados pelo nome, mas por um código.

A pesquisadora manterá um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, contendo códigos, nomes e endereços para uso próprio. Os formulários de **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e de Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem**, assinados pelos participantes serão mantidos pelo pesquisador em confidência estrita, juntos em um único arquivo.

Asseguro-me que as participantes, árbitras e jogadoras que estão atuantes no futebol amador receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e de Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem, que poderá ser solicitada de volta no caso deste não mais desejar participar da pesquisa.

Eu, como professora orientadora, declaro que este projeto de pesquisa, sob minha responsabilidade, será desenvolvido pela aluna Carla Milena Pereira do curso de Educação Física.

Declaro, também, que li e entendi a Resolução 466/2012 (CNS) responsabilizando-me pelo andamento, realização e conclusão deste projeto e comprometendo-me a enviar ao CEP/UTFPR, o relatório final do projeto em tela quando da sua conclusão, ou a qualquer momento, se o estudo for interrompido.

Curitiba, 05 de março de 2019

---

Ana Paula Cabral Bonin Maoski

## **ANEXO I – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA JOGADORAS**

- 1 – Todas as jogadoras do clube recebem tratamento igual, independente do tempo no clube?
- 2 - Em sua opinião, qual o enfoque que a mídia dá para o futebol feminino?
- 3 – Qual sua opinião sobre os investimentos no futebol feminino no Brasil?
- 4 – Quais as formas de violência que as jogadoras de futebol enfrentam no dia a dia enquanto estão em campo?
- 5 - Você já sofreu algum tipo de violência relacionada a ser jogadora de futebol feminino?
- 6 – Pode nos relatar um episódio que aconteceu com você ou com outra colega de profissão no que se refere à objetificação da mulher no futebol?
- 7 – O que você acha que tem de ser mudado para que mulheres tenham mais visibilidade?

## **ANEXO II – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ÁRBITRAS**

- 1 – Você já sofreu algum preconceito por escolher ser árbitra de futebol?
- 2 – É comum o questionamento posterior ao jogo sobre as suas decisões enquanto árbitra daquela partida específica?
- 3 – Quais os critérios que você enquanto árbitra precisa atender para ser convocada para uma determinada partida de futebol?
- 4 – Esses critérios são diferentes daqueles estabelecidos para os árbitros de futebol?
- 5 - Qual a sua opinião sobre a convocação das árbitras de futebol por parte da CBF?
- 6 – Você já sofreu algum tipo de desacatado por conta da sua profissão enquanto árbitra de futebol?
- 7 – Pode nos relatar um episódio que aconteceu com você ou com outra colega de profissão no que se refere à objetificação da mulher no futebol?
- 8 - Qual a sua opinião sobre a visibilidade que as mulheres têm no futebol feminino?